

DRAMA DA VIDA REAL

Uma corrida **contra a neve**

Por MALCOLM McCONNELL

No momento em que Bobby Unser subiu em seu novo *snowmobile* – espécie de motocicleta para andar na neve –, as montanhas brancas estavam deslumbrantes sob o sol do fim da manhã. Aos 63 anos, esguio e em boa forma física, o ex-campeão

das 500 Milhas de
Indianápolis costumava
levar amigos em
expedições ao longo
das Montanhas
Rochosas, na fronteira
do Colorado com o
Novo México.

-EXCELENTE DIA para um passeio – assegurou ele a Robert Gayton, 36 anos.

O jovem mecânico, que trabalhava com Unser testando carros e equipamentos, já havia acampado e caçado nas Rochosas, mas seria a primeira vez com o *snowmobile*. Na noite anterior, um amigo o avisara:

– É lindo lá em cima, mas também é deserto. Ainda bem que você está indo com o Bobby.

Os dois aceleraram ruidosamente, subindo a íngreme trilha nevada. Serpenteando entre pinheiros e álamos cristalizados pelas recentes nevascas, chegaram ao cume nevado, amplo e abobadado, acima da linha das árvores. Lá reduziram a velocidade para admirar a paisagem. *Fantástico*, pensou Gayton.

Um gemido grave e estranho interrompeu-lhe os devaneios.

– Que barulho foi esse? – perguntou.

– Parece que vem aí um vendaval! – gritou Unser.

Os boletins meteorológicos tinham previsto ventos moderados seguidos de frente fria para esse dia – 21 de dezembro de 1996. Essas frentes, porém, às vezes colidiam com inesperada violência contra as Rochosas. Em poucos minutos a luz do sol foi tragada pelo branco ofuscante da nuvem de neve trazida pela ventania.

Virando o corpo no assento, Unser buscava à sua volta algum ponto de referência. Não se via mais nada. *Parece que estamos dentro de um balde de leite*, pensou. Alarmado, deu-se conta de que estavam perdidos.

COM 40 ANOS de carreira no automobilismo e três vitórias nas 500 Milhas de Indianápolis, o ponto forte de Bobby Unser era a determinação. “Nunca desistam”, dizia aos filhos Bobby Jr. e Robby, que o haviam seguido às pistas de corrida.

Agora estava determinado a guiar o jovem amigo, tirando-o dessa encruca. Não seria fácil. Embora só estivessem parados por alguns minutos, seus rastros já estavam quase totalmente cobertos pela neve. Uma equipe de resgate não teria pistas para seguir. Unser lançou um olhar a Gayton, curvado a seu lado. Estavam por conta própria.

Mais adiante, o cume onde se encontravam despencava abruptamente em penhascos íngremes de granito. De alguma forma, em meio à nuvem de neve, teriam de encontrar um caminho até as encostas protegidas

mais abaixo. Qualquer imprudência os levaria diretamente a um penhasco despercebido. Unser sabia que, se Gayton e ele quisessem sobreviver à tempestade, teriam de apreender os fatos e moldá-los a seu favor.

– Tente se manter perto de mim!
– gritou para Gayton.

Acelerando, começou a deslizar lentamente em meio à cortina branca de neve que se movia.

GAYTON estreitou os olhos para não perder Unser de vista. O visor plástico do capacete protegia-lhe os olhos, mas a neve e as partículas de gelo açoitadas pelo vento esfolavam, como chumbo grosso, o pescoço desprotegido.

Por duas vezes gui-nou rápido demais nos montes de neve e quase foi derrubado do *snowmobile*. De repente, contornando um bosque de pinheiros retorcidos pelo vento, afundou num monte de neve solta. No momento em que as esteiras de borracha perderam a aderência, a máquina começou a derrapar encosta abaixo.

Unser sabia que somente um condutor experiente poderia arrancar o *snowmobile* de um monte de neve. Restando apenas duas horas de luz do dia, ele tomou uma decisão crucial.

– Não se preocupe com o veículo – disse ao amigo. – Deixe-o aí.

Acreditava que o próprio *snowmobile* conseguisse transportar os

dois. Com neve até a cintura, Gayton avançou com dificuldade encosta acima e subiu em sua garupa.

Estavam rodando havia uma hora quando o motor começou a produzir ruídos de explosão, engasgou e morreu.

– O que houve? – perguntou Gayton.

– Deve ser a chave de segurança do acelerador – explicou Unser.

Levantou-se, abrindo com um estalo a tampa do motor.

De costas para a ventania, as mãos nuas no ar frígido, os dois homens puxavam e apalpavam as peças do motor. Quando terminaram, a mão direita de Gayton parecia de cera por causa do frio. Restava apenas uma hora de luz natural.

– Agüente firme – disse Unser, enquanto puxava a corda de partida.

Depois de galgarem sem problemas dois montes ondulados de neve, Unser voltou a se animar. Então, de súbito, não sentiram mais o assento sob os corpos. Despencavam em um vazio assustador.

Unser encolheu-se, esperando a colisão. Em vez disso, porém, atingiram a neve solta no fundo de uma ravina de três metros. A esteira conseguiu aderência e a máquina patinou subindo a ribanceira. Os dois homens riram nervosamente.

Sua alegria arrefeceu, no entanto, quando o motor começou a ra-

**Restando
duas horas de
luz do dia,
Unser tomou
uma decisão
crucial.**

tear. Por mais que tentassem, não conseguiram fazer com que pegasse de novo. Ofegando no ar rarefeito, encararam o inevitável: o piquenique ensolarado nas montanhas transformara-se em sinistra corrida pela sobrevivência.

ERAM QUASE 17 horas do dia mais curto do ano.

– Precisamos de um abrigo para passar a noite – disse Unser.

Gayton assentiu. Caminhando com dificuldade em meio à neve que chegava à altura da coxa, finalmente alcançaram a borda de um pequeno desfiladeiro. Ali, em um bosque de pinheiros, encontraram alguma proteção contra a nevasca.

– Olhe! – exclamou Gayton, apontando para baixo.

A distância viam-se luzes piscando em um vale. Unser verificou a bússola.

– Estamos olhando na direção norte para o Rio Conejos.

– Que bom! – disse Gayton, aliviado. – Vamos logo lá para baixo.

Unser balançou a cabeça.

– Aquelas luzes devem estar a uns 25 quilômetros daqui – disse. – Não podemos nos arriscar na escuridão.

Ao cair da noite, o frio se tornou muito mais intenso. Com os dedos dormentes, os dois homens conferiram os escassos suprimentos: dois saquinhos de chocolate, três reci-

pientes de suco, fósforos, um cobertor de emergência de lâmina de alumínio amarrotado e um serrote de acampamento dobrável.

Unser começou a cavar no monte alto de neve endurecida, enquanto Gayton serrava galhos de pinheiros. Depois de três horas extenuantes, haviam esculpido na neve uma caverna estreita, forrando-a com os ramos à guisa de isolante.

Os dois se contorceram para entrar na caverna. Beberam o restante do suco, prenderam o cobertor de lâmina de alumínio em torno das pernas e tentaram dormir.

– Vamos estar bem pela manhã – disse Unser.

– Com certeza – respondeu Gayton.

AO AMANHECER, a neve densa cobria as pegadas

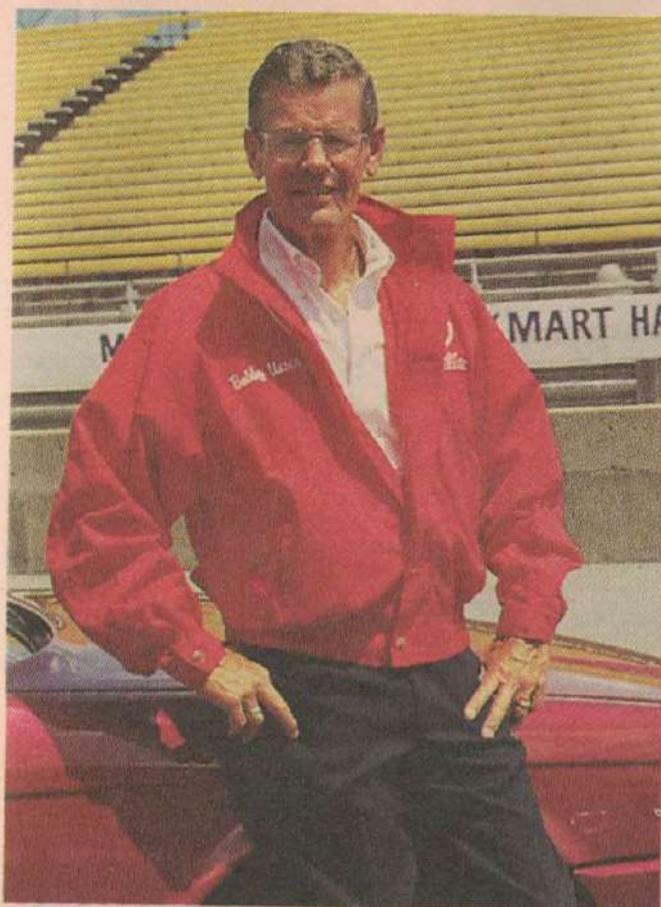
das botas e o céu cinzento e carregado ameaçava mais uma nevada. Gayton conseguia ver o Rio Conejos bem abaixo. Aproximando-se, Unser explicou que lá embaixo, onde a rodovia ziguezagueava em direção ao vale do rio, havia uma pousada para turistas e uma fazenda de veraneio.

No entanto, aquele povoado situava-se mais de 900 metros abaixo e a cerca de 25 quilômetros de distância.

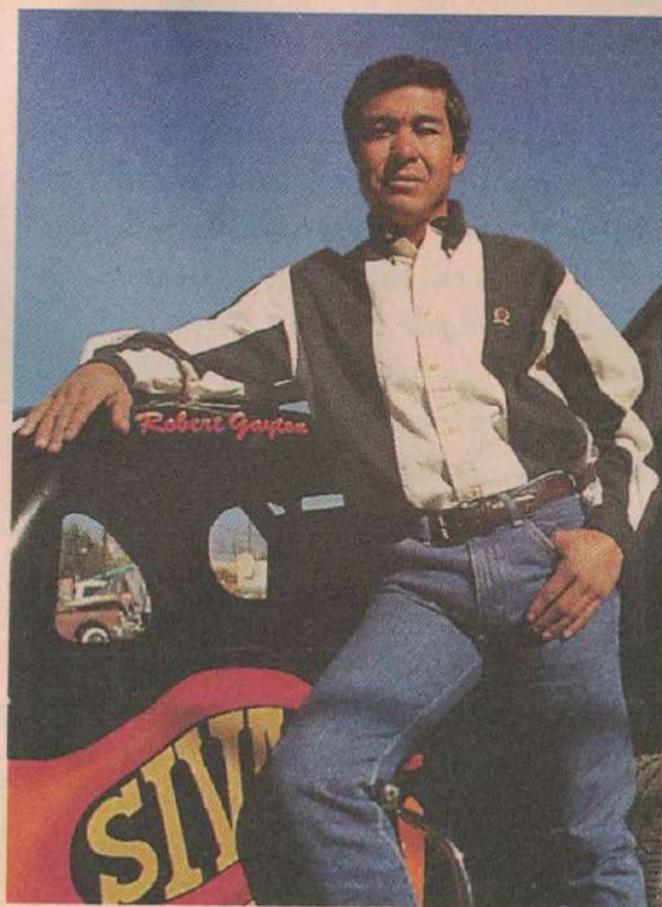
– Se conseguirmos fazer um quilômetro e meio por hora – disse Unser –, talvez cheguemos lá esta noite.

O veterano corredor sorriu para si mesmo diante da ironia. Fora o pri-

**Havia poucos
suprimentos
e, ao cair da
noite, o frio se
tornou ainda
mais intenso.**



© INDIANAPOLIS MOTOR SPEEDWAY



© PAUL SLAUGHTER

Das Pistas Para a Montanha— Unser e Gayton enfrentaram a morte.

meiro a se classificar para uma corrida com velocidades acima de 320 km/h. Agora, a prova mais importante de sua vida dependia da média de apenas 1,5 km/h.

Abaixo deles, os penhascos de granito desciam até o vale em gigantescos degraus em forma de meia-lua. O primeiro penhasco da monstruosa escadaria descia 200 metros até uma profusão de pedras cobertas de neve. Uma ligeira onda de vertigem tomou conta de Unser, que sempre tivera fobia de altura.

Ele engoliu em seco. Depois deu um passo à frente para examinar melhor.

— Uau! — exclamou.

Um riacho congelado recortava o penhasco, descendo em ângulo de 70

graus e oferecendo-lhes uma rampa de emergência — se tivessem coragem suficiente para usá-la.

Unser fez deslizar a mochila presa à sua cintura em direção à barriga e testou o fecho do capacete.

— Gayton, observe como faço e depois me siga — disse ele.

Com as costas apoiadas no gelo, precipitou-se rampa abaixo, ganhando velocidade em queda assustadora.

Do alto do penhasco, Gayton observou o borrão escuro do corpo de Unser descendo a uma velocidade impressionante. Atônito, viu o amigo pôr-se de pé e acenar.

Gayton respirou fundo. Depois transpôs a borda do penhasco, os pés na frente. Disparando gelo abaixo, ricocheteou sem controle entre as

pedras congeladas, indo cair ileso em um monte de neve.

– Fantástico! – exclamou, arfando.

Os dois se alternavam abrindo caminho através da neve à altura do peito. No meio da tarde haviam vencido com dificuldade os primeiros três penhascos da gigantesca escadaria. Agora se defrontavam com um labirinto brutal de estreitos desfiladeiros que se atiravam, íngremes, de encontro à garganta principal do Rio Conejos. Gayton, que tinha rompido a fina superfície de gelo de um riacho, estava encharcado até os joelhos.

Uma agonia interminável abateu-se sobre eles. O céu escurecia. Unser olhou para trás e viu o amigo curvado, apoiado em uma árvore.

– Vamos – incentivou Unser. – Temos de continuar.

– Acho que não vou conseguir – murmurou Gayton, o olhar apático, a respiração curta e ofegante.

– Você precisa comer – disse Unser, ciente de que o amigo não se alimentava desde a noite anterior.

Entregou-lhe um pouco do chocolate. Pouco a pouco Gayton recobrou as forças e eles reiniciaram a marcha.

Do outro lado do desfiladeiro podiam ver a linha escura da rodovia descendo obliquamente a encosta da montanha. Aos trancos, seguiam adiante. No momento em que a noite

caía, uma luz surgiu em meio às sombras profundas mais abaixo, permanecendo ali como uma estrela fixa.

– Nós vamos conseguir! – disse Gayton, naquele momento o mais forte dos dois, tranqüilizando o amigo.

Unser seguia atrás, arrastando-se, enquanto desciam tropeçando em pedras recobertas de gelo até o leito congelado do rio. Eram cerca de 3 horas da madrugada quando os homens abriram caminho através das placas de gelo ao longo da margem do rio até um pasto nevado, junto a um estábulo desocupado. Ali dentro, surpreenderam-se ao encontrar não só um aquecedor elétrico como também um telefone em funcionamento. Lutando contra tremores incontroláveis, Unser se arrastou até o telefone e digitou um número.

– É o Bobby – murmurou entre os lábios rachados. – Vocês precisam vir e nos tirar daqui.

As equipes de busca e salvamento calcularam que os dois homens caminharam 32 quilômetros em meio a uma das regiões mais inóspitas das Montanhas Rochosas, no Colorado. Na clínica local, o doutor Lindy Akes tratou da hipotermia e da grave desidratação de ambos. Unser e Gayton estavam no limiar da resistência quando chegaram ao abrigo.

– Fico feliz, filha, vendo-a voltar sorrindo. Quer dizer que gostou de ir à escola?

– Por favor, mamãe, não confunda a ida com a volta.

– CÉLIO RICARDO PEREIRA RIBEIRO, *Ouro Preto (MG)*